

Antropólogo descobre Aldeia pré-histórica em Miracatu

As obras humanas obedecem a uma lei única, inexorável e paradoxal — escreveram os Irmãos Schreider, arqueólogos alemães. Uma casa, um castelo, uma torre sobrevivem a gerações, mas as cidades, massas de pedra, nas quais se desenrola a vida dos homens, e até as misérrimas aldeias, sofrem a marca dos habitantes nos quais imprimem também suas marcas. Os textos escritos há milhares de anos e as tradições dos povos desaparecidos guardaram os ecos da vida que ali reinara em todo o seu esplendor e em toda a sua miséria. Quase sempre as cidades sepultadas assentavam-se sobre outros restos mais antigos. E de tudo isso desprende-se um raro sortilégio.

Os arqueólogos examinam esses restos e lançam mão de processos modernos para avaliar o tempo destas ruínas. Hoje, estes cientistas não se limitam ao passado das velhas cidades, dos templos e muralhas. Procuram saber como era a vida humana antes dos tempos históricos, isto é, na Pré-História.

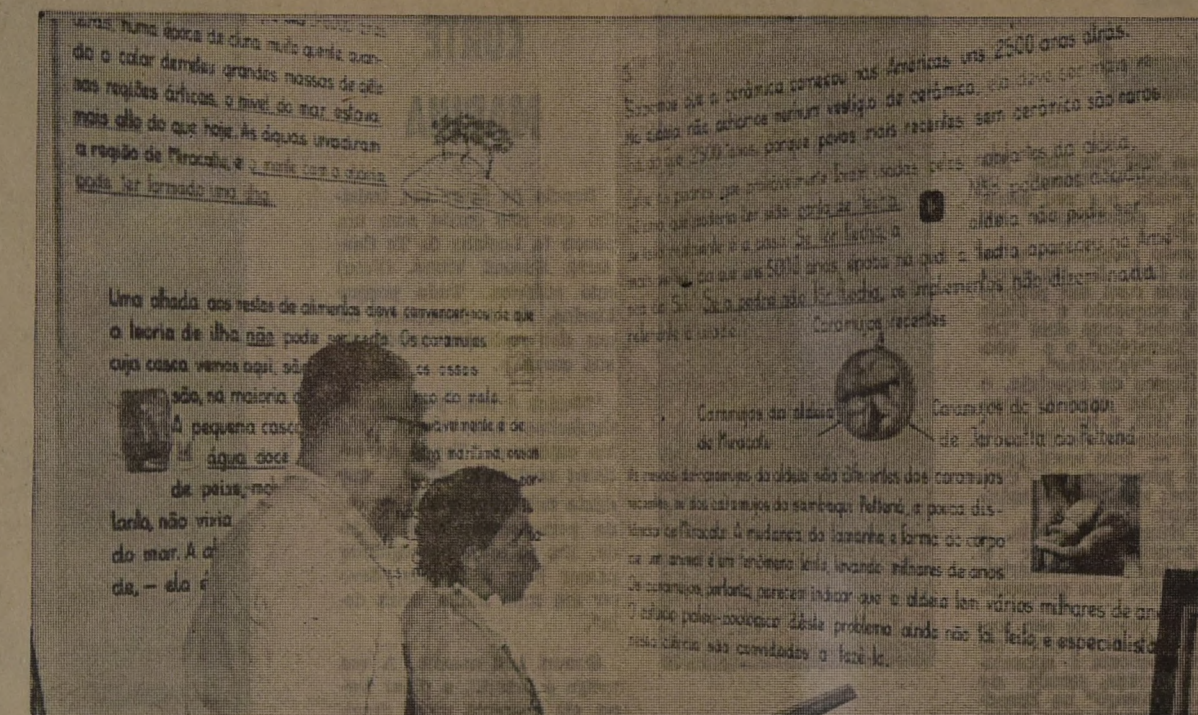
Foi dentro deste princípio que o conhecido cientista Desidério Aytai, pesquisador, médico e engenheiro, ex-professor universitário, e ora Diretor do Museu de Paulínia, realizou pesquisas arqueológicas na região do litoral sul paulista, à beira da Estrada BR-2, não longe de Juquiá e de Pedro de Toledo, onde conseguiu localizar uma aldeia pré-histórica. Tratores estavam ali, há tempos fazendo serviços de terraplenagem, acabando por desenterrar implementos de pedra e outros materiais.

Através destes e de outros elementos, pode o cientista reconstituir muito da cultura dos habitantes daquela aldeia, habitada outrora por número reduzido de pessoas: entre cem a duzentos, conforme o pesquisador.

COMO ELES ERAM E O QUE FAZIAM
Fisicamente — declarou o dr. Aytai — os habitantes tinham os caracteres indígenas. Cabelos lisos, grossos, e pretos, pele parda, olhos de forma mongoloide, arcos zigomáticos salientes, e grande diferença de estatura entre homens e mulheres (dimorfismo sexual). Provavelmente, todos pertenciam ao mesmo grupo sanguíneo O, e eram RH positivos (essa última qualidade, talvez, adquirida mais tarde pela ação da seleção natural) e a maior resistência dos indivíduos RH positivos contra certas formas de malária. Não conheciam a varíola, o sarampo, escarlatina e certas formas de gripe.

Por analogia — disse o dr. Aytai — podemos supor que andavam nus e se aqueciam junto ao fogo, que eles sabiam produzir com movimento rotativo dado à ponta de um pauzinho.

Quanto à origem, eles vieram da Ásia, há muitas gerações atrás, pelo Estreito de Bering, du-



Prof. DESIDÉRIO AYTAI E SENHORA DIANTE DE UM PAINEL DESCRITIVO DA ALDEIA PRÉ-HISTÓRICA DE MIRACATU, que eles descobriram no litoral sul do Estado

rante um inverno muito rigoroso, ou numa época fria da Terra, quando o gelo e a neve, acumulados nas regiões árticas e nas montanhas diminuíram a quantidade de água nos oceanos, e o nível do mar baixou tanto que o Estreito de Bering ficou seco.

— E as crenças de tal povo?

— Sua religião deve ter sido similar à dos índios recentes. Crença em seres espirituais, acessíveis por intermédio do Xamã (pagé, bari, curandeiro, mágico). Importaram esta religião da Ásia, pátria do Xamanismo, e guardaram seus elementos durante milênios.

DOS COSTUMES

Tinha aquele povo, talvez, o sistema poligâmico de matrimônio, mas sendo principalmente caçadores, só alguns homens fortes e hábeis podiam manter mais de uma mulher.

Suas leis eram simples, e conheciam a propriedade particular. Suas idéias sobre o território da tribo eram claras e inequívocas (porque todos os povos possuem estas idéias), e conheciam e praticavam a divisão de trabalho, sendo a caça a ocupação dos homens, e a criação dos filhos, a ocupação das mulheres.

baseada em suposições inverídicas da magia com alguns conhecimentos práticos de plantas com efeitos farmacêuticos reais, e outros métodos medicinais de valor prático como práticas obstétricas, tratamento de rupturas de ossos, de feridas, etc.

— Que língua ou dialeto usavam?

— Jamais o saberemos — respondeu o antropólogo Aytai. A gloto-cronologia ensina-nos que em 1000 anos, 19 por cento das palavras são modificadas de tal maneira que se tornam irreconhecíveis. Supondo que os miracatenses viveram há sete mil anos atrás, e supondo-se que esta língua ainda esteja viva na boca de alguma tribo indígena recente, essa somente teria 28 por cento das suas palavras originais.

OS PAINÉIS

Em cinco painéis explicativos expôs o dr. Aytai os pontos principais de sua descoberta. Assim o observador pode acompanhar como os tratores, revolvendo as camadas de terra, mostraram vestígios da existência de uma velhíssima aldeia, cujos habitantes não viveram à beira-mar, mas no interior.

A cerâmica começou nas Américas há uns 2.500 anos atrás. E como não foram achados restos de cerâmica, deduz-se que a aldeia tenha pelo menos idade superior a 2.500 anos. Curioso é o fato da presença de carapaças de caramujos no local, mas muito diferentes dos atuais. Esse pormenor também parece comprovar que a aldeia tem longa idade.

Vários ossos longos, quebrados para a extração do tutano, muitos deles meio carbonizados, parecem provar que o povo era caçador. Mas não foram encontrados ossos de peixes nem de animais marinhos. Logo, não se tratava de povo pescador.

A série de machados parcialmente polidos e de toscos martelos de pedra com suas técnicas de acabamento muito diferentes parecem também indicar que o povo que os fez estava passando por uma transformação cultural muito acelerada, ou exposto a fortes influências de povos vizinhos com variadas culturas. Uma das pedras tem um lado gasto por polimento, e, talvez, tenha sido usada para moer terra vermelha para pintar o corpo. A pedra de moinho provavelmente servia para moer sementes, ou, talvez, mandioca torrada, ou seca ao sol. Um povo que usava pedras tão pesadas, e durante tempo suficiente para desgastar os dois lados da pedra, não poderia ser nômade, mas sedentário.

AS CONCLUSÕES do cientista incluem uma advertência: tanto as especulações quanto as deduções são resultado do esforço para resolver um problema científico desafiante. Os esforços são honestos, mas as conclusões podem estar inteira ou parcialmente erradas.

A organização política deve ter sido muito rudimentar, havendo um chefe com poderes bem limitados, talvez um Xamã profissional. Podemos ter certeza de que não havia especialistas de indústria (artesanato), convicção corroborada pela diversidade de tipos de machados de pedra, encontrados e expostos no Museu.

Relativamente à cultura material dos miracatenses ela deve ter sido relativamente pobre. Caçavam com lanças e com bordunas, provavelmente usavam armadilhas simples. É possível que usassem adornos de penas, talvez pintassem o corpo de urucum, jenipapo e carvão. Suas ferramentas líticas (de pedra) estão expostas no Museu Municipal do Bosque, aqui em Campinas. Para guardar água e mel usavam cabaças ou purungas porque não tinham cerâmica. Não sabemos se tinham cestas e outros trabalhos trançados, mas é possível que os tivessem. Suas cabanas eram feitas com galhos e folhas ou capim, acima da terra, e não afundadas no chão, como costumavam fazer os povos de clima frio.

Sua arte ficará para sempre desconhecida de nós. Devem ter tido lendas, danças e arte decorativa de corpo. Sua filosofia era uma pseudo-ciência,